

LIVRO IX

APÊNDICE

Tu sabes, conheces melhor do que eu a velha história. Na primeira noite eles se aproximam e roubam uma flor do nosso jardim.

E não dizemos nada.

Na segunda noite já não se escondem; pisam as flores, matam nosso cão.

E não dizemos nada.

Até que um dia o mais frágil deles entra sozinho em nossa casa, rouba-nos a luz e, conhecendo nosso medo, arranca-nos a voz da garganta.

E já não podemos dizer nada.

Excerto de 'No Caminho com Maiakovski' — Eduardo Alves da Costa, Nascido em Niterói, RJ, em 1936.

— Os nossos amigos concluíram pela existência de pessoas empenhadas em pressioná-lo, desmoralizá-lo; e não é coisa de ontem, de uma semana, um ou dois meses, é isso?

— Faz tempo... apenas ficaram mais excitados a partir de 2019.

— É um absurdo, uma violência.

— Não estão preocupados com isso; é o *bullying*, do Inglês *bully*, intimidar, ameaçar, amedrontar. É essencialmente, do ponto de vista da especialização da norma jurídica, uma manifestação criminosa sem a distinção de que só se caracterizaria, ou se caracterizará, a teor da proposta da Comissão que estuda a reforma do Código Penal, contida no parágrafo 2º do artigo 147 — intimidação vexatória —, quando se tratar de menores, remetendo-se os maiores de idade a dispositivos diversos do Digesto Criminal, como hoje ocorre. Dificultar aos maiores a tipificação do *bullying* é fornecer um salvo conduto para a sua prática. Os menores estão limitados pela própria idade, têm medo, tentam esconder da família, quando falam sobre o problema na maioria das vezes são ridicularizados, os praticantes do bullying, que às vezes estão muito próximos e ocultos por fachadas diversas, estimulam esse comportamento; os maiores, que podem agir, estão alijados da revisão dos conceitos. A igualdade perante a lei é princípio constitucional, logo, por que o tratamento diverso para a mesma ou mesmas ofensas? E quando se tratar de pessoas carentes, pobres, mulheres, idosos, muito frequentemente tão ou mais indefesos do que os menores que estão da metade para cima da pirâmide social? A reforma do Código Penal haveria de ser abrangente e não pontual. Ameaçar, amedrontar, intimidar vexatoriamente são práticas inaceitáveis por qualquer Sociedade a se querer civilizada, reclamam o mesmo enquadramento, não importa o alvo, a vítima. A Sociedade não quer ser tutelada por seus representantes, pelos Congressistas, quer ser ouvida e opinar nas questões fundamentais, como nos casos da reforma do Código Penal e do *bullying*. Amadurecida, inspirada por firmes sentimentos de liberdade, não quer eternizar em sua legislação salvo-condutos para práticas opressivas estranhas à boa ordem constitucional, ampla, rotineira e impunemente cultivadas. O *bullying* é uma delas. Cria, caro leitor, eu sei do que estou falando. Leia em onairnunesblog.com o penúltimo parágrafo do post de 13 de Fevereiro de 2017. Do jeito que estão hoje as coisas, a vítima, além de conviver com o *bullying* em si, convive com a criminosa e grotesca arrogância dos seus praticantes. Temos diante de nós valiosa oportunidade para reunir figuras delituosas afins dispersas no Código Penal e na legislação extravagante e consolidá-las em um só Instituto e capítulo, tornando as coisas para todos os atingidos por essa prática repulsiva.

Aglomerados humanos avançados em seu tempo dão à matéria penal caráter de convenção social e indole contratual, à qual todos os cidadãos aderem em contrapartida aos seus direitos e garantias individuais; conclusivamente, à luz do devido processo legal, provada a *inadimplência*, há de se observar o trâmite célere dos eventuais recursos nessa matéria e a pena mais rígida deve ser cogitada, evitando-se medidas socioeducativas, de pendor indulgente e efeitos mais que deletérios.

— Os abusos decorrem das oportunidades de fuga à fixação rigorosa da pena, fácil perceber. Em que, de modo abrangente, implica a intimidação vexatória?

— Em sentido mais amplo, 'patrulhar', tentar 'amordaçar', achincalhar, detratar, humilhar, zombar, ridicularizar, desrespeitar intencionalmente como forma de exercer pressão sobre a pessoa, sobre o menor na hipótese da qual estamos falando, mas isso ocorre regularmente em todos os extratos sociais com adultos de idades diversas, dos mais jovens aos mais idosos.

— Sem as considerações formais, naturalmente, de sua dicção, mas a partir dela, qual é a posição dos nossos amigos no seu caso pessoal?

— À certa altura entenderam chegada a hora de fazer barulho, depois aguardar, reagir pontualmente, preferencialmente por escrito, mas, no geral, ficar quieto, comportar-me como se nada estivesse acontecendo, assanhar os delinquentes. E assim tem sido feito.

— E você, o que acha disso tudo?

— Nada, estou tranquilo, absolutamente em paz comigo mesmo. Observo sem esforço, intuitivamente, a ordem constitucional e legal, não mexo, nem mexi com ninguém, vivo quieto no meu canto. Quanto a toda a movimentação contra a qual tenho sido alertado, nunca fui de prestar muita atenção ao que acontece à minha volta.

— Além das petições e do barulho houve mais alguma coisa?

— Estávamos esperando uma deixa, sabíamos do monitoramento; então foi só fazer o *email*, enviar para três pessoas previamente escolhidas e esperar.

— *Email*? Que *email*?

— Está aqui neste CD. Posso colocá-lo no seu computador?

— Claro! Vamos até o escritório, estou curioso. Funcionou?

— De imediato. Aumentaram a pressão, expuseram-se, as coisas se foram aclarando.

— Em que sentido?

— Combinação de interesses, sectarismo, autoritarismo, arrogância e, agora está claro, roubo.

— Muito desagradável, não?

— O que me desagradou mesmo foi a piada do agente secreto português; a forma como o Brasil foi tratado no seu tempo de colônia e as atitudes geradas pelo domínio, mesmo após a independência, e até há nem tanto tempo assim, me são muito difíceis de engolir, mas pessoalmente, como indivíduos, se educados e corteses, gosto dos Portugueses, fizeram parte da cena da minha infância, estavam por toda parte, tenho carinho por eles. Objetivamente falando, e voltando ao passado, ao meu começo de adolescência, devo a vida a um deles.

— Por que, então, foi utilizada?

— Deu o tom.

— E quanto a toda essa sordidez?

— Aguardamos que alguém assuma a paternidade, o mínimo a esperar-se de pessoas sérias, se bem que pessoas sérias jamais se ocupariam dessas coisas. Bom, corrigindo, pessoas, digamos, comprometidas com o seu ofício, mais sórdido seja ele. Se não acontecer, nada a comentar. Antes de tudo, foi imprescindível saber-se de onde partiu toda essa porcaria, quem a montou e como, quem cometeu o crime de tamanha imundície. Para os conseqüentários legais, somos pacientes.

(Neste ponto o titular do blog impõe-se observar que essas pessoas de quem fala estão, como de hábito, copiando, nem tão remotamente assim, este texto enquanto ordenado. Isso sempre está nos cálculos)

— As pessoas, com as habituais e honrosas exceções, gostam de sujeira, de maledicências?

— Parece que sim, do contrário essa gente não teria espaço, esse tipo de coisa não existiria; é possível até que algumas pessoas queiram acreditar em coisas que as compensem de algum modo.

— Não entendi...

— A segurança normalmente exibida é uma representação, embora não seja sensato generalizar. Sucede, contudo, das pessoas costumadamente não se revelarem por inteiro, mas atuarem, representarem um papel por trás do qual ocultam complexos, medos, inseguranças, fraquezas; e há quem exagere nessas questões. Não sendo bem formadas e conscientes, sentirão satisfação, de certo modo compensada e justificada, com maledicências sobre outros, mesmo tratando-se de algo carente de evidências e não provado. Significativo componente de sua cultura, alivia-lhes, além das deficiências referidas, o sentimento de inferioridade, mais frequente do que sugerem as aparências. As pessoas educadas, cultas, destacadas da manada incomodam-nas, colocam-nas, ainda sem o querer, em face de si mesmas e elas sofrem com isso, encolerizam-se, odeiam. São pobres pessoas, não merecem qualquer atenção ou apreço, o menor respeito. Melhorariam, se deixassem a seara da alma e caminhassem para o espírito.

— Para finalizar, por ora, porque estou ansioso pelo conteúdo desse CD, diga-me alguma coisa: o capítulo 'A Conspiração dos Mediocres' ou qualquer outra manifestação do livro são ecos dessa situação de fato?

— Como escrevi nos Apontamentos, o livro registra um pouco do que penso; o que vem acontecendo apenas confirma a maledicência tornou-se obsessão para essas pessoas. Não é coisa de gente má, é coisa de gente doente.

— Em suma, vidas dedicadas a estragar a sua vida. E?

— Vou muito bem, obrigada, a despeito de, por *dever de ofício*, haver quem se empenhe em fazer crer que vivo na miséria. Precisam disso para instilar medo nas pessoas, medo de reclamar, de dizer o que pensam. Em lugares nos quais a democracia não é o forte, mesmo em cidades de países democráticos, há bolsões em que atuam espécies de ONGs do mal dedicadas a controlar a vida dos cidadãos, o que pensam, dizem ou fazem.

— Como isso é instrumentado?

— A experiência sugere haver quantidades de pessoas sobre quem o poder, real ou ilusório, revestido ou não de legalidade, exerce uma enorme atração; às vezes estão mais perto e vão mais longe do que se imagina.

— Isso tem a ver com...

— No geral trata-se de gente doente, como já mencionei; além da maledicência, aplicam-se em moinar a vida profissional do *eleito*, impedi-lo de trabalhar, ganhar dinheiro, de falar, isolá-lo, impedir ou dificultar que esclareça, explique, defenda-se, arruiná-lo de todos os modos. Unanimidade entre as pessoas que tratam do assunto e conhecem suas práticas, são, sem sombra de dúvida, questão de ordem pública a reclamar correção. Por isso *têm sede* nessa gente.

— Isso aconteceu com você?

— Alguns arranhões quando me pegaram desprevenido, nada mais, pura covardia, dissimulação, nunca de frente, atos morais ou legais, olho no olho, atitudes de gente grande, bem resolvida; até porque, para isso, é necessária uma acusação consistente e formal, e provas cabais que a corrobore. Eu não tenho queixas, toco a vida tranquilo, é do meu temperamento. Acabaram escorregando, envolveram muita gente; não é difícil encontrar um ou outro que adore falar e sintam-se importante quando revela segredos, deformação consequente da prática.

— Como funciona isso?

— Mesma à parariada que inventa, essa gente, por necessário, procura dar aparência de verdade. Pega uma coisa séria, distorce-a, adiciona no preparo da distorção nomes de pessoas que já morreram, portanto não podem desmentir as barbaridades criadas, corrompe alguns, amedronta outros, engana os mais crédulos e pronto, surge uma versão, disseminada em *off*, sem o conhecimento da vítima, e dá nisso que você sabe. A considerar aquela gente esquisita com os seus complexos, os impostores de todo dia de quem falei há pouco convivendo por anos com o ofendido; não têm a decência mínima de dar-lhe ciência do que ocorre, pedir-lhe explicações, esclarecimentos, se graves as acusações. Cabe perfeitamente, é necessário. Há quem revele muita contrariedade quando se diz, especialmente quando se escreve esse tipo de coisa, mas isso é o Sistema. (...)

Se algumas pessoas moral e eticamente mal dotadas percebem as metas do poder, não têm o que sugerir, mas querem os seus interesses maximizados, ou apenas por mau-caratismo, apressam-se em ser úteis, maximizam, antes de qualquer coisa, o servilismo e sua capacidade de perfídia. Por essas e outras razões os predadores da honra alheia precisam ser identificados para serem colocados sob o rigor da lei e discutir-se à exaustão os absurdos por eles praticados, reclamando-se provas concluintes e apurando-se às pessoas de mal atitudes por sua ação criminosa o contraditório e a oportunidade de estabelecerem a verdade. (...). No fundo, no fundo, parece ter havido alguma coisa permitida por lei, mas *proibida* pelo Sistema.

(...)

— (...) À luz — nossa dignidade —, não a podendo tirar, simplesmente ignora, tripudia sobre ela, brinca com ela a seu talante, para seu prazer, apenas, solitário e deformado como o de um masturbador por escolha, sem atingir, contudo, de um lado, um orgasmo genuíno, e, de outro, a quem privilegia a dignidade pessoal. E na autossuficiência perde-se em seus excessos, mostra o lado gigante de pés de barro; aturde-se de quando em quando, a braços com homens de caráter, cujo o caminho de vidas vividas às claras, sem tomens, batalhadas, forçados caminhar por eles próprios traçados, contornado sequer um obstáculo, mas todos, ainda as feridas e as cicatrizes, ultrapassados sem concessões. Não habituado a lidar com homens de tempera, o estoicismo não lhe é ao menos uma palavra. E porque entre os que de fato decidem há aqueles que não embalam o arbítrio, a truculência, a visão distorcida de ordem pública, e se amparam essencialmente na lei, na sua observância, além de se assentarem em princípios de ética social e preceitos de humanismo, volta e meia seus subleigos sofrem grandes tropeços. Quando não são colocados sob o rigor da lei, por eles tão maltratada. Cá e acolá, a pretexto da segurança, observa-se, acentuando-se, perversa tendência de restrições às liberdades individuais calcada no arbítrio e velada arrogância insufladores de agressões ao modelo representativo, a democracia, imperfeita, mas sem nada melhor que a substitua. Mas é a partir dela que os homens verdadeiramente livres, de consciência, nunca se reduzirão ao silêncio, jamais lhes arrancarão a voz da garganta. Não são os personagens resignados, fatalistas e temerosos de Eduardo Alves da Costa, são pacientes, sua marca é a resistência ética, a força moral, o desapego permanente, em suas existências, de valores puramente materiais.

A epígrafe deve ser gravemente ponderada por quem conserva intato, sem a nódoa do relativismo, o sentimento de honra e dignidade pessoal. E devem por-se em alerta.

(...)

